

Considerações psicanalíticas sobre o atleta de alto rendimento

Psychoanalytical considerations on the high performance athlete

Clarice Medeiros¹

Resumo:

O atleta convive com a lesão e a dor e exhibe a particularidade de considerá-las como apenas mais um obstáculo a ser superado. É criada a identidade do herói-atleta como algo constitutivo deste sujeito e como um algo compartilhado pela cultura esportiva, colocando em cena o campo dos ideais. A lesão e a dor sinalizam o limite, sendo possível, por um lado, ser vista como um freio à busca incansável do ideal, e por outro, pode convocar o atleta ao mandato mais comum ao esporte: “supere-se” (“*supereu-se*”). O objetivo deste artigo é de se debruçar nesse cenário a partir dos aportes teóricos da psicanálise, tendo como pilares a noção de ideal do eu e supereu.

Palavras-chave: psicanálise, ideal do eu, supereu, atleta.

Abstract

The athlete lives with injury and pain and displays the peculiarity of considering them just as another obstacle to overcome. The identity of the hero-athlete is created as something constitutive of this subject and as a something shared by sports culture, putting in scene the field of ideals. The injury and its pain signalizes the limit, being possible, on the one hand, to be seen as a break on the tireless pursuit of the ideal, and on the other hand, can summon the athlete to the most common mandate of the sport: the overcoming of oneself. The purpose of this article is to look at this scenario from the perspective of the theoretical contributions of psychoanalysis, having as pillars the notion of the ideal of the ego and the superego.

Keywords: psychoanalysis, ego ideal, superego, athlete.

¹Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-RIO), Professora da Universidade Veiga de Almeida.

e-mail: mdrscarice@gmail.com

Introdução

Para ser um atleta de alto rendimento, é preciso potencializar o corpo. A prática esportiva visa sempre ao aprimoramento físico e, por isso, o atleta trabalha com seu corpo ao máximo, almejando superar todos os limites. No entanto, tal movimento é dificultado pelo surgimento de lesões e de dores, tanto em treinamento e quanto em competição. Esses acometimentos tornam-se intrínsecos a esse sujeito, já que não há atleta sem lesão ou sem dor, havendo apenas uma variação em sua intensidade e sua gravidade. O esportista as considera inevitáveis e as encara como somente mais um obstáculo a ser transposto. É comum ouvirmos, nessa área que, se não houver lesão ou dor, não se é atleta. Tal característica difere do que se verifica em não esportistas, entre os quais a dor, lesão ou qualquer outro adoecimento do corpo procuram ser sanadas prontamente. Nesse sentido, os atletas apresentam uma particularidade clínica. O presente artigo tem por objetivo debruçar-se sobre esta característica singular, a saber, a constante presença de lesão e a tolerância a dor, encontrada no meio esportivo, a partir dos aportes teóricos da psicanálise, com o intuito de compreender o funcionamento psíquico desses sujeitos, tomando como pilares para tal reflexão as noções de ideal do eu e supereu.

Para tanto, precisaremos, antes, adentrar brevemente nesse meio, uma vez que o sujeito não é isolado do mundo. Ele é constituinte e constituído por sua interação com o mundo. O aprimoramento do campo esportivo vem apresentando um crescimento contínuo desde o início dos Jogos Olímpicos da era moderna. Como uma manifestação cultural, o esporte acompanha as transformações que ocorrem na sociedade. O desenvolvimento esportivo caminha de mãos dadas com o científico. O avanço médico-científico ocorrido no século XVIII, com a dissecação de cadáveres e com o olhar sobre a morte, colocou o corpo no centro das discussões. Essa nova perspectiva construída dá origem não apenas a um *corpus* de saber e de técnicas de cura, mas principalmente à busca de um homem saudável, de um homem modelo (FOUCAULT, 1980/2006). O discurso médico-científico constrói um modelo de ideal de sujeito que tem a sua incidência no desempenho físico. As ações individuais visam obter a melhor forma física, maior longevidade, prolongamento da juventude etc. Desse modo, os saberes científicos como a fisiologia, a nutrição, a medicina, a fisioterapia, e até mesmo a psicologia, em muito têm contribuído para fazer o atleta render o seu máximo.

Um dos fenômenos mais importantes nesse cenário passa a ser o treinamento, conforme

indica Vaz (1999). A pressão para treinar e vencer o ano inteiro com vigor e intensidade aumentou nos últimos anos. A teoria é que quanto mais treinamento houver, melhor. Se antes havia temporadas de jogos e férias, hoje em dia uma temporada tende a emendar na outra ou uma competição na outra, deixando pouco tempo para o descanso. E mesmo fora de temporada, os atletas precisam manter algumas práticas para não perder o seu condicionamento físico. O esporte torna-se um espaço de realização e confirmação das competências pessoais em um processo constante de otimização das capacidades (BRANDÃO & AGRESTA, 2008).

A sobrecarga de treinos e competições introduz uma prática corporal marcada pelo excesso, que impele o atleta a ultrapassar o seu limite. Mesmo diante das lesões e das dores, é esperado desse sujeito que ele renda seu máximo e que seu corpo seja cada vez mais aperfeiçoado. Nesse contexto, o atleta é convocado a conviver com uma imagem de si que traduza invulnerabilidade, com a crença de que ele é forte e capaz de todos os sucessos, quase sem limites (MARKUNAS, 2003). Há, portanto, um discurso e uma prática que visam, custe o que custar, à superação dos limites.

O atleta é um herói?

Por ser um meio em que há

uma incessante procura por ser um homem modelo, capaz de tudo apesar das adversidades, o esporte propicia a criação de um papel identitário entre o herói-atleta. Este sujeito acredita no impossível como algo a ser superado: *impossible is nothing*, nada é impossível, afirma o jargão esportivo. Para isso, é necessário ser mais alto, mais forte, mais rápido, mais preciso, ter coragem, força de vontade e superar todo e qualquer limite. O esporte de alto rendimento configura-se como um campo de expressão ideal para desafiar os “limites da humanidade” (PROIA, 2006), uma vez que tudo que se possa interpor à imagem ideal do atleta é concebido como um obstáculo a ser ultrapassado, superado, para a manutenção dos ideais. “Há inegavelmente um ideal de perfeição, de completude, de ir além do que até então era colocado como o limite para o desempenho”, afirma Dias (2009, p.39). Esse sujeito capaz de atos impensáveis para um simples mortal acaba por ser admirado e valorizado e do ponto de vista do imaginário cumpre essa função de um ideal: “essa figura do vencedor, faz sonharmos com a possibilidade de um ideal de perfeição e onipotência, outrora vivido” (Dias, 2009, p. 42).

Devido a essas características, para Rubio (2001), o esporte tornou-se um cenário de representações heroicas de atletas. A espetacularização do esporte de

hoje em dia e a supervalorização das suas conquistas têm como protagonista a figura do “atleta-herói” (RUBIO, 2001, p. 214). No entanto, a construção do papel identitário do atleta como herói não é fruto apenas do mundo contemporâneo. Ela encontra as suas raízes na Antiguidade greco-romana, quando a prática esportiva era organizada na forma dos Jogos Olímpicos. O esporte, na Grécia Antiga, era intimamente ligado à educação integral do indivíduo, relacionando-se à educação física e ao culto à perfeição e ao belo. E é nesse tempo que nasce a ligação entre heroísmo e esporte: “a conexão entre culto agonístico e culto heroico era tão séria, que os grandes e mais célebres atletas foram heroicizados” (RUBIO, 2001, pp. 113-4).

Além disso, o período da Antiguidade greco-romana é de fundamental importância para compreendermos essa articulação entre atleta e herói, uma vez que um dos valores transmitidos neste tempo é a tolerância à dor. Se o herói é capaz de fazer suas tarefas, com coragem e determinação, apesar da dor infligida, o mesmo ocorre com o atleta, que deve continuar treinando e competindo mesmo com dor.

Na Antiguidade greco-romana, segundo Rey (2012), os modos de representação da dor articulavam-se não em torno do físico e da moral, mas em torno

da implicação do sujeito na dor e sua modalidade de percepção, considerando-se a temporalidade e a fonte do estímulo doloroso. A dor era concebida quase como um ser autônomo, que se apodera do sujeito, invadindo-o e apropriando-se dele, fazendo-o sofrer e sentir-se esvaziado. A dor descrita no teatro trágico, manifestação cultural daquela época, é algo que consome e esgota o sujeito, sendo impossível de domar ou de se prever. É a tragédia grega que fornecerá uma representação da dor não apenas como sofrimento, mas em seu sentido mais físico, mais concreto, mais abrupto, pontua Rey (2012). Na medida em que a sociedade grega participava do teatro trágico, aceitava a comunicação emocional com o espetáculo da dor. A dor não era ocultada nem afastada da consciência coletiva e, para o herói, não era objeto de vergonha. O teatro trágico grego revelava a realidade da dor, brutal, concreta, imagética.

Diferentemente do que era produzido pela tragédia, o discurso médico da época procurava reduzir a diversidade das experiências subjetivas e singulares, dando um sentido unívoco. Buscava com isso tranquilizar a dor e tentar livrá-la da carga emocional a ela veiculada. O surgimento da medicina hipocrática, porém, introduziu uma diferença no modo de abordar a dor. O que o doente tem a falar de sua dor passa a constituir um índice

precioso para o tratamento, pois a dor e sua duração e intensidade passaram a ser consideradas peças mestras do conhecimento das doenças. Desta forma, a aceitação da dor assumiu um caráter de uma necessidade inevitável da vida, tanto para o indivíduo doente quanto para o saudável, sendo uma característica do período, assinala Rey (2012). Assim, a dor assumiu o caráter daquilo que pode ser exibido e tolerado como uma necessidade inevitável. Ora, é justamente isso que percebemos nos atletas contemporâneos como descrevemos anteriormente. O modo como esses sujeitos encaram a dor tem a sua herança no período da Antiguidade greco-romana, de modo que tal como naquele tempo, atualmente a tolerância a dor é algo indispensável.

Ademais, Rubio (2001), ao articular a ideia do atleta à do herói, faz menção ao mito, considerando-o como um elemento integrante e indissociável da cultura. Atletas que conseguem repetir os seus feitos, alcançar sucesso em sua trajetória (medalhas ou recordes) preservam sua condição de mito. O herói mítico é aquele que representa o mortal e que transcende essa sua condição, pelos seus feitos, aproximando-se dos deuses. A semelhança do atleta com o herói está não somente nas disputas realizadas, mas nas provas por que ele precisa passar para se consolidar: determinação, solidão, persistência, paciência etc.,

identificando-se com a figura do guerreiro que tem força e coragem e não pode ter medo. Portanto, para Rubio (2001), “o atleta que atinge o alto rendimento (...) sua vida afirma-se abertamente como um mito” (p. 100).

A noção do mito é fecunda para compreender a constituição do sujeito atravessado pela cultura, por ela ter a função de trânsito entre o social e a constituição subjetiva, sendo a narrativa ficcional mítica um elo importante (LACAN, 2008). No caso do esporte e do atleta-herói, o mito vai indicar uma pregnância maciça de ideais a serem alcançados, como o de perfeição, *performance*, triunfo. Assim, o mito aponta para um ideal social contemporâneo que se presentifica na prática esportiva de alto rendimento e que não é sem consequências para o sujeito atleta que se põe a realizá-lo. Não iremos explorar essa noção do mito, apenas estamos utilizando-a para introduzir o que está em jogo para o atleta: a busca pelo ideal. E este é um ideal também da cultura. É para isso que o mito aponta.

Em busca do ideal

O mito do atleta-herói, como algo constitutivo do sujeito atleta e como algo compartilhado pela cultura esportiva, coloca em cena o campo dos ideais. Para Lacan (1954/2009), é a identificação ao ideal do eu que

permite ao homem situar a sua relação imaginária e libidinal no mundo em geral: “está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, o seu ser” (LACAN, 1954/2009, p 169).

Assim, é preciso compreender e diferenciar melhor os postulados psicanalíticos sobre o ideal. As funções do eu (eu, eu ideal e ideal do eu) tem o papel fundamental na estruturação do sujeito. Primeiramente, é preciso notar que o eu não é uma unidade existente desde sempre. É preciso que, diante do caos pulsional, uma nova ação psíquica seja acrescida para dar origem ao eu. Isso é nomeado por Freud de narcisismo, que ele ainda distingue como primário e secundário – somente o narcisismo primário nos interessa nesse momento por ser ele um tempo importante para a constituição dos ideais do sujeito. O narcisismo primário nas crianças é a revivescência do narcisismo dos pais e é uma projeção de todas as perfeições e ocultação das deficiências. A favor da criança, os pais tendem a tentar suspender todas as aquisições culturais, todas as limitações e regras que seu narcisismo foi forçado a respeitar. A criança é para os pais “Sua Majestade, o bebê”. Esse tempo, Lacan (1954/2009) denominou de estágio de espelho, pela imagem corporal e a constituição do eu ser dada a

partir do outro. O outro tem para a criança um valor cativante, seja no espelho, seja no semelhante, e este irá apresentar-se enquanto uma antecipação de sua imagem unitária. Mas o eu não é somente a imagem, ele é constituído também pelas enunciações, pelos juízos de valor, pelas declarações etc.

Há, portanto, um eu original, primitivo, forma primeira do eu ideal e do ideal do eu. O eu ideal é a imagem do eu dotada de todas as perfeições, sobre a qual recai o amor de si próprio, amor de si mesmo de que na infância gozou o eu real, ou seja, o eu ideal é a imagem idealizada. Essa imagem é construída quase totalmente pelo que os pais projetam no filho, fazendo ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade. No amor pelo filho, renasce essa forma narcísica de vínculo com o objeto que atribui a ele todo o tipo de perfeição e encobre todos os defeitos. A criança passa a ter direito a tudo aquilo a que os pais tiveram de renunciar. Assim, inicialmente, o eu ideal é também o efeito do discurso dos pais, efeito de um discurso apaixonado que abandona qualquer forma de consciência crítica para produzir uma imagem idealizada.

Esse lugar de imagem idealizada em que a criança desejada é colocada pelo discurso dos pais, é o ideal do eu, expõe Lacan (1957/1999).

A expressão “criança desejada” é o significante que constitui o sujeito em seu ser, este é o pivô. É preciso que se elabore algo e que o eu se aproxime desse ideal de alguma maneira.

O desenvolvimento do eu tem prosseguimento e consiste em um afastamento do narcisismo primário (eu ideal) e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação deste estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu, imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. O ideal do eu impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, por ele fazer com que alguns sejam rejeitados por seu censor como sendo incompatíveis onde não se formou o ideal (FREUD 1914/1996).

Como origem do ideal do eu, Freud (1914/1996) explica que o primeiro homem fixou um ideal em si mesmo e esse ideal é agora alvo do amor próprio desfrutado pela criança pelo eu real. O narcisismo do sujeito surge deslocado em direção a esse novo eu ideal, o qual se acha possuído de toda perfeição e valor e com isso o sujeito demonstra-se indisposto a renunciar a perfeição narcisista atribuída na sua infância. Quando cresce, é perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, como não mais poder reter aquela

perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ideal do eu. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância em que ele era o seu próprio ideal. Dessa forma, o ideal do eu é essa “nova forma” que toma a libido narcísica.

Assim como há o afastamento, há também a tentativa de readquirir o narcisismo perdido, de forma que esse distanciamento em direção ao exterior segue-se um retorno à posição primitiva dando lugar ao narcisismo secundário. Lacan afirma que se trata de um transitivismo constante, em que se produz esse “Eu-Ideal-Eu” (Lacan, 1959-60/1998, p.683). Portanto, eu ideal e ideal do eu são simétricos e opostos: enquanto o primeiro está no plano do imaginário, o segundo está no plano simbólico pelo fato de a exigência do ideal do eu estar alocada no conjunto das exigências da lei. Enquanto a estrutura do eu repousa sobre a relação do sujeito com a imagem do semelhante, a estrutura do ideal do eu não se propõe como um eu ideal. Sejam quais forem as modificações que intervêm em seu ambiente e seu meio, o que é adquirido como ideal do eu permanece, no sujeito como “a pátria que o exilado carregaria na sola do sapato” (LACAN, 1958/1999, p. 301). O ideal do eu, adquirido, lhe pertence. Não se trata de um objeto, mas de uma coisa que, no sujeito, é *a mais*.

Freud, segundo Birman (1996), cria a noção do ideal do eu como uma instância que delinea aquilo que é da ordem do possível e do que é permitido. Assim, o ideal do eu dá vazão as demandas de satisfação e possibilita a construção do desejo. Por esse motivo, Lacan (1958/1999) afirma que o ideal do eu representa uma função mais tipificadora no desejo do sujeito, por ele se constituir na relação com o pai – insígnias paternas – e implica o falo, como instância significante. A formação do ideal do eu tem um caráter metafórico e, como tal, o efeito é a modificação do desejo.

O ideal do eu é o outro enquanto falante, portanto, e pode vir a situar-se no mundo dos objetos ao nível do eu ideal, ou seja, em que se pode produzir uma captação narcísica. O ideal do eu é uma observação benévola que o sujeito faz de si, produzindo uma jubilação do eu e uma satisfação narcisista. Também é a instância que vai medir a distância do eu ao ideal, fazendo com que o sujeito se movimente para alcançá-lo (GEREZ-AMBERTIN, 2009).

Interessa-nos pensar na distribuição da libido nos campos dos ideais para analisarmos o sujeito atleta. Se o eu ideal remete ao perfeccionismo, a sua vulnerabilidade está sempre presente, colocando em cena a castração:

chamado do discurso do alto rendimento, o que move o sujeito atleta não passa apenas pela via imaginária da busca do estado mítico de onipotência outrora perdido, mas também pela via de uma inscrição simbólica. A experiência do esportista de alto rendimento na busca constante de ir além reatualiza a dimensão da castração (DIAS, 2009, p.54).

Ao atleta é atribuído o ideal do herói, dele é demandada uma resposta desse lugar através dos seus feitos; ele mesmo treina e compete todos os dias buscando alcançar o ideal do atleta do herói, em que nada menos do que os 100% é satisfatório. Estamos aqui no terreno do ideal do eu, como um ideal que se pode compartilhado com o outro, assim como exige do eu o alcance a imagem perfeita. Um homem ideal, sem limite, capaz do seu máximo rendimento, capaz de suportar qualquer dor em prol da vitória, essa é a lógica do esporte que hoje se faz presente. A prática de rendimento existente no esporte exige do corpo do atleta uma capacidade de realizar tudo e qualquer coisa, levando-o ao seu limite e buscando a perfeição. O atleta de alto rendimento atua aqui, almejando atender ao ideal do eu e à restituição do seu narcisismo.

No entanto, há nisso um preço alto a se pagar que é o da lesão e da dor. A lesão e sua dor, inevitáveis no alto rendimento, são justamente aquilo que

Na medida em que responde ao

irá colocar um freio à busca incansável do ideal. A lesão aponta para a impossibilidade da perfeição, a rachadura da imagem gestáltica corporal do eu, a castração. A dimensão da castração impõe um limite, uma limitação à execução do ideal. Ao tentar escamotear a castração, é com ela mesma, contudo, que o sujeito se depara.

Do ideal ao imperativo superegoico

Se o ideal do eu é a instância psíquica, herdeira do discurso dos pais e da Lei, em que o sujeito se movimenta para tentar alcançar o seu ideal, sem nunca o encontrar plenamente, o supereu é a instância que impelirá o sujeito a insistir e desprezar a castração.

A sobrecarga de treinos e competições introduz uma prática corporal marcada pelo excesso, que convoca o atleta a ultrapassar o seu limite. Ao se desafiar em prol do rendimento, o atleta aproxima-se da possibilidade de sofrer lesões. Por essa razão, Rubio (2013) afirma que “a superação de limites é um desafio físico e psicológico constante para o atleta, que se defronta cotidianamente com o risco de lesões” (p. 193). É comum que muitos jogadores treinem e joguem lesionados ou em constante estado de dor. Silva, Rabelo e Rubio (2010) salientam que, ao abordar o tema da dor no esporte, há uma diferenciação

entre a aquela encontrada cotidianamente e a considerada no presente contexto, uma vez que há uma imposição ao atleta da tolerância à dor. O atleta irá suportá-la silenciosamente afirmando os valores como coragem, força, determinação, que lhe são designados alinhados com o papel identitário do herói.

Nesse contexto, como demonstra Vaz (1999), não há espaço para a dor, já que o corpo acaba por ser objeto dissecado pela ciência e potencializado na forma de progresso e sucesso. Assim, a dor não é mais uma aliada em defesa da vida, uma expressão viva da corporeidade, mas um obstáculo a ser superado, dominado, ignorado.

Esse é o campo dos ideais, que o atleta está constantemente tentando alcançar, como visto anteriormente. É importante, agora, traçar a diferença entre o ideal do eu e supereu. Enquanto o atleta anda à procura do seu ideal, de sua perfeição, de um corpo capaz de tudo, na medida em que ele joga ou treina lesionado ou com dor, entra em campo o jargão, o mandato, mais comum ao esporte: “supere-se” (“*supereu-se*”). Lacan (1958/1999) salienta a distinção entre ideal do eu e supereu, apesar de ambas as instâncias terem surgido quase juntas: “o supereu é constrangedor e o ideal do eu exaltante” (LACAN, 1954/2009, p.139). O supereu elevado pelos ideais da

cultura impõe mandatos ideais irrealizáveis para os membros dessa cultura. Os atletas encontram-se submetidos a esse mandato de superação sendo convocados a treinar e jogar lesionados, como se a castração não fosse um limite imposto. O mandato superegoico diz: “goze do seu corpo ao máximo, sem limite”.

Desse modo, os preceitos do supereu na cultura devem ser entendidos como derivados do ideal da cultura, que exige a consecução de suas aspirações, embora deixe como saldo o efeito dissolvente do supereu na singularidade do sujeito. O supereu no lugar de afiançar o desejo, tal como faz o ideal do eu, e sua circulação com a renúncia pulsional, reforça e alimenta o pulsional e a hostilidade do sujeito contra si mesmo. “A face mortífera de toda idealização evidencia seu parentesco com a instância crítica” (GEREZ-AMBERTIN, 2009, p.102).

Desta forma, se o ideal do eu salvaguarda a todo custo o império do narcisismo, o supereu ataca essa hegemonia. Com isso, demonstra-se que ambas as instâncias têm como paradigma o narcisismo, mas comparecem diante dele de maneiras diferentes. O ideal do eu impõe e critica um modelo imposto, mas preserva o eu narcísico e o supereu, como instância crítica, opera como uma pressão mortífera esperando o fracasso

para incidir (OLIVEIRA, 2014).

O supereu, além de sua relação com narcisismo, encontra sua herança no Complexo de Édipo e no Isso. Como herdeiro do Isso – sede das pulsões, mostra sua face com o pai terrível, perverso, demoníaco, que instiga a partir do cerne pulsional. Como herdeiro do Édipo diz respeito à suplência do pai morto, é a incidência do pai morto que não-tudo legisla, deixa um resto e como tal é a face que insensata que admoesta e proscree e que retorna ao sujeito: “como excedente pulsional (...) do que resta do Pai edípico que legisla, sustenta o terrível peso do pai diabólico que impele ao imperativo que se faz ouvir gozando. Face obscura de toda lei” (GEREZ-AMBERTIN, 2009, p. 108).

De acordo com Birman (1996), o discurso freudiano formulou a existência do supereu, enquanto uma instância que condensaria o conjunto de interditos que o sujeito deve obedecer, regulando as suas demandas pulsionais. Para Lacan (1954/2009), o supereu é um imperativo, caráter insensato, cego, simples tirania. O supereu tem uma relação com a lei, uma lei insensata que chega a ser até um desconhecimento da lei, “o supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição” (LACAN, 1954/2009, p.140) A lei reduz-se inteiramente a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o *tu debes*.

Assim, o supereu refere-se

ao gozo e, como imperativo, “de gozo é”. A proposição lacaniana do supereu como correlato da castração alude para o avesso da metáfora paterna. A antinomia dá-se entre desejo-lei e gozo. O supereu, coordenado ao gozo e não ao desejo, é um chamado a não castração (GEREZ-AMBERTIN, p. 224, 2009). Lacan (1971/2009) situa a origem do supereu no Pai original mais do que mítico e, como tal, se refere ao supereu como “um apelo ao gozo puro, isto é, a não-castração” (LACAN, 1971/2009, p. 166), o que o supereu diz é “goza!”.

Ao atuar desrespeitando o limite imposto pela lesão, o atleta de alto rendimento obedece ao imperativo superegoico de gozo e de apelo à não-castração. Atuação essa pautada no ideal do mito do atleta herói, em que o mandato da superação mostra a face mortífera da idealização.

Considerações finais

Esse sujeito atleta, em busca da melhor *performance* esportiva (im) possível, exhibe uma particularidade diferenciada dos demais sujeitos: a tolerância à lesão e à sua dor. Estas são encaradas apenas como barreiras a serem sanadas e/ou ultrapassadas em prol da superação. Entra em cena o mandato superegoico com seu apelo à não-castração: supereu-se!

Diante do imperativo superegoico e da dor, surge a pergunta, o que pode o psicanalista diante disso? Diante da lesão e da dor, o atleta busca incessante da superação, mas encontra-se desestruturado. É um corpo que coloca o seu limite, limite este que o atleta tanto se esforça para desconhecer. A medicina vai escutar o chamado decorrente da lesão, quando houver, respondendo prontamente a ele, porém com o custo do apagamento do tempo do sujeito, tratando o corpo doente dirigindo seus cuidados para os signos e sintomas do paciente. Já a psicanálise, ao escutar esse chamado lança a pergunta “quem é esse sujeito?”. A aposta é que possa surgir uma demanda e de que há coisas por dizer.

A ação do analista visa, portanto, abrir uma brecha para que um novo laço se estabeleça e um caminho novo se construa a partir daquilo que o sujeito experimentou. “Mais do que oferecer a escuta para conferir sentido, o analista se coloca como parceiro para as invenções de que cada sujeito lança mão para se aparelhar e se haver com o fora de sentido” (MARON, 2012, p. 27).

Recebido em 16/09/2016
Aprovado em 10/11/2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J. A economia do gozo e os impasses da justiça. Uma leitura psicanalítica da justiça. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, 1996.
- BRANDÃO, M.R.F., AGRESTA, M.C. As lesões e o esporte de rendimento: uma análise à luz da Psicologia do Esporte. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: vol.2: Aspectos psicológicos do rendimento esportivo**. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.
- DIAS, M. H. **Sobre o esporte de alto rendimento: reflexões a partir da psicanálise e da utopia**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009
- FOUCAULT, M. (1980) **O nascimento da clínica**. 6ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FREUD, S. (1914) Introdução ao Narcisismo. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GEREZ-AMBERTIN, M. **As vozes do supereu: na clinica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.
- LACAN, J. (1953-1954) **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- _____. (1957-1958) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. **O mito individual do neurótico, ou, a poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008.
- _____. (1959-60) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “a psicanálise e estrutura da personalidade”. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008
- MARKUNAS, M. Reabilitação psicológica do atleta lesionado. **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MARON, G. Introdução: urgência sem emergência? **Urgência sem emergência?** Rio de Janeiro: Subservos, 2012
- OLIVEIRA, M. X. **Uma erótica mortífera: ruídos do supereu na clinica psicanalítica**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2014.
- PROIA, S.M.Y. Le corps sportif dans tous ses écarts. **Champ psy** (n° 44) 109-121p., 2006
- REY, R. **História da dor**. São Paulo: Escuta, 2011.
- RUBIO, K. **Atletas do Brasil olímpico**. São Paulo: Kazuá, 2013.
- RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- SAMULSKI, D.M. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Editora Manole, 2002.
- SILVA, E.M., RABELO, I.; RUBIO, K. A dor entre atletas de alto rendimento. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, 3(1), 79-97, 2010.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 48, Agosto, 1999.